



RIO

E-Mail

Racismo em Copacabana

Por mais de uma década, Nixon Dória reinou nas passarelas como uma das primeiras modelos negras de sucesso no Brasil. Vencedora e pioneira numa profissão complicada, ela nunca enfrentou a humilhação de ser vítima de discriminação racial. Aconteceu na hora mais improvável, quinta-feira da semana passada, quando ela, hoje dona de uma loja de pão de queijo, teve de ouvir frases terríveis, cheias de preconceito referente à cor de sua pele, em plena porta de sua loja, numa esquina de Copacabana.

- Preto não pode ter nada, nem pode ser nada. Sai para lá, sua nega - teria dito a ela um comerciante vizinho, dono de uma casa de massas, diante de várias testemunhas.

A história foi contada ontem à tarde por Nixon, sob forte emoção, ao delegado Ivo Raposo, da 13ª DP (Copacabana). Acompanhada pelo subsecretário estadual de Direitos Humanos e Cidadania, Ivanir dos Santos, ela só até lá dar queixa contra seu agressor por injúria qualificada de racismo, crime inafiançável com pena prevista de 1 a 3 anos de cadeia.

A confusão começou, segundo a comerciante, porque a motocicleta que faz entregas para a loja de massas estava estacionada em frente a uma das portas do estabelecimento de Nixon, na hora que ela ia fechar. Um funcionário da oficina de bicicletas que fica ao lado ajudou a ex-modelo a afastar a moto para que o motorista dela pudesse estacionar o carro. Quando viu a cena, o vizinho, irado, teria começado a ofender Nixon e seu funcionário.

- Foi uma coisa muito feia, agressiva - recordou a comerciante. - Ele é racista. Quero ser respeitada como todos os negros devem ser respeitados no Brasil.

À TV Globo, por telefone, o comerciante acusado negou ter ofendido a ex-modelo. Até à noite, ele não tinha ido à delegacia prestar depoimento. A polícia deverá intimá-lo.

© Todos os direitos reservados a O Globo e Agência O Globo. Este material não pode ser publicado, transmitido por broadcast, reescrito ou redistribuído sem prévia autorização.